

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Economia****Autor: Com a Bloomberg****Data: 01/07/2009****Título: Vale anuncia a demissão de até 300 funcionários no país****Companhia afirma que corte faz parte de processo natural de ajuste que acontece todos os meses**

Após cortar 1.300 vagas no fim do ano passado, a Vale voltou a demitir ontem, oficializando o desligamento de 200 a 300 funcionários da mineradora no país. A decisão foi anunciada durante reunião com os sindicatos, realizada no Rio.

Ficou acertado que esses empregados terão um abono extra de R\$ 870 e mais seis meses de seguro-saúde garantido.

Os sindicatos já esperavam as demissões, vistas como inevitáveis diante da grave crise pela qual passa o mercado global de minério de ferro.

A Vale argumenta que os desligamentos fazem parte de um processo natural de ajuste e renovação da força de trabalho que acontece todos os meses.

O número de demitidos agora, diz a Vale, foi maior porque ficou meses sem fazer cortes devido a acordo com os sindicatos que previa estabilidade de empregos até 31 de maio. Ao fim de maio, ela já havia desligado outros 300 empregados sob a mesma alegação.

A Vale colocou em licença remunerada 1.300 empregados no final de 2008 e concedeu férias coletivas a mais 5.500 pessoas. Segundo a empresa, a maior parte desses trabalhadores já voltou a seus postos.

Terminado o acordo, a Vale diz que foi obrigada a fazer os ajustes, mas nega demissões em massa. A companhia emprega 46,6 mil pessoas no país. São 62 mil em todo o mundo.

Diante da crise sem precedentes na história recente do setor, a Vale foi obrigada a

postergar investimentos, cortar a produção de minério de ferro e reduzir a força de trabalho.

É que a produção siderúrgica chegou a cair 50% desde o agravamento da crise, em setembro passado. Com as encomendas em queda, a Vale diminuiu seu plano de investimento de US\$ 14 bilhões, anunciado em outubro de 2008, para US\$ 11 bilhões, em fevereiro. O mercado espera, porém, que a cifra ainda seja revista para baixo.

Cancelamento

Ontem, a siderúrgica sul-coreana Dongkuk, a terceira maior do país, disse que não vai mais participar de parceria com a Vale para a produção de placas de aço no Ceará, devido ao aumento nos custos do gás.

"É difícil garantir a viabilidade do projeto por causa da drástica mudança no ambiente global de energia e da demanda dos fornecedores de gás natural para aumentar os preços do combustível", afirmou, em nota, a companhia asiática.

Disse ainda que continua valendo o acordo com a Vale para a produção de placas em aço em fornalha movida a carvão.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Erica Ribeiro

Data: 02/07/2009

Título: Vale vai demitir este mês de 200 a 300 empregados

Segundo empresa, motivo não é a crise

A Vale vai cortar de 200 a 300 empregados em suas unidades no país, ao longo deste mês. De acordo com a empresa, as demissões não estão relacionadas ao cenário de crise, que de dezembro de 2008 a junho deste ano levou a companhia a demitir 1.600 funcionários.

Desta vez, informou a Vale, o afastamento será "um movimento natural da empresa". Parte dos postos de trabalho será preenchida de acordo com a necessidade da companhia, mas vagas também serão fechadas. A Vale, no entanto, não informou o número exato de postos que serão eliminados.

As demissões serão feitas nas unidades operacionais — portos, ferrovias, minas e outras unidades de produção da Vale — no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Maranhão, Pará, além de Minas Gerais e Pernambuco. De acordo com a empresa, todos os

demitidos receberão por cinco meses um abono de R\$ 870 e permanecerão com o plano de saúde por seis meses.

Entre as principais unidades operacionais da Vale estão a Estrada de Ferro Carajás (Pará e Maranhão), o Porto de Tubarão (Espírito Santo), o terminal da Ilha de Guaíba, em Mangaratiba (Rio), o terminal do Porto de Sepetiba (Rio), e minas de minério de ferro e níquel em Pará, Minas Gerais e Mato Grosso, entre outros estados.

Após as demissões, parte das vagas que serão repostas poderá ser preenchida em outras unidades da empresa.

A Vale emprega 62 mil pessoas no mundo todo, sendo 47 mil no Brasil. A crise internacional atingiu o setor de mineração e siderurgia e fez a companhia reduzir em 30 milhões de toneladas a produção de minério para este ano. Isso resultou na decisão de demitir 1.300 trabalhadores em dezembro passado.

Este ano, como parte de acordos fechados com sindicatos, a Vale se comprometeu a não demitir funcionários por um período de seis meses. Por causa disso, diz a empresa, manteve em regime de licença remunerada 1.300 empregados, que ficaram afastados de suas atividades na companhia de janeiro a maio, e retornaram à empresa em junho.

No mês passado, porém, a Vale fez novo corte, desta vez de 300 trabalhadores.

Mas, segundo a companhia, esses funcionários já estavam aposentados ou perto de se aposentar.

VEÍCULO: Valor**Seção: Finanças****Autor:** Vanessa Adachi e Vera Saavedra Durão, de São Paulo e do Rio**Data:** 07/07/2009**Título:** Vale emite dívida conversível em ação para captar US\$ 1 bi

A Vale coloca hoje no mercado de capitais global notas conversíveis em ações da companhia com o objetivo de captar US\$ 1,02 bilhão, através de sua subsidiária integral a Vale Capital II. Um misto de títulos de dívidas e ações, a modalidade do papel foi escolhida por não ter impacto sobre a dívida da empresa, ao mesmo tempo em que oferece um benefício fiscal equivalente ao de uma dívida para companhia. Operação quase idêntica foi fechada em junho de 2007.

Os papéis vencem em três anos, em julho de 2012. O valor do papel para o investidor foi fixado em US\$ 50 por cada título e, até o vencimento, as notas pagarão um cupom (juro). O valor desse cupom será definido hoje em processo de "book building". O Valor apurou que a companhia definiu um intervalo indicativo de cupom entre 6,25% e 6,75% - mas o juro poderá ser diferente, dependendo das propostas dos investidores hoje. Os papéis serão obrigatoriamente convertidos em American Depositary Shares

(ADS), recibos de depósitos de ações, em 2012 ou antes, "caso ocorram determinados eventos", conforme comunicado da Vale, divulgado ontem.

O valor de conversão dos papéis terá um prêmio sobre o a cotação do papel no fechamento de hoje. O intervalo indicativo de prêmio foi fixado entre 17,5% e 22,5% mas isso também depende do processo de "book building". Na prática, o prêmio poderá ficar fora do intervalo.

Do total a ser captado, US\$ 315 milhões correspondem à primeira tranche, que será convertida por ADS de ações ordinárias no vencimento. A segunda tranche, de US\$ 706 milhões, será convertida em ADS de ações preferenciais classe A de emissão da mineradora.

As ações a serem trocadas pelas notas emitidas estão na tesouraria da Vale. A companhia teve autorização da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para vendê-las à sua subsidiária Vale Capital II, que irá tocar a operação, coordenada pelos bancos Citi e JPMorgan. Na nota divulgada ao mercado, a Vale informa que os recursos da oferta serão destinados "a propósitos corporativos em geral".

VEÍCULO: Valor**Seção: Empresas & Tecnologia****Autor: Ana Paula Grabois, do Rio****Data: 08/07/2009****Título: Vale reativa pelletizadora e vê retomada plena em 2010**

Foto: Julio Bittencourt/Valor

A Vale vai retomar a produção de uma das quatro pelletizadoras que estavam paradas desde o fim de 2008 no complexo de Tubarão, Espírito Santo. A expectativa é que a reativação ocorra nos próximos meses, ainda neste ano. A mineradora tem sete complexos, uma em Itabirito (MG) e outra desativada em São Luís do Maranhão. A retomada deve ocorrer apenas no fim de 2010, disse Roger Agnelli, presidente da



Agnelli enxerga "cenário lento retomado. Para o primeiro trimestre a companhia deve ter porém ainda abaixo dos primeiros resultados, mas pode reduzir drasticamente a produção consolidada de milhões de toneladas, período do ano passado de toneladas.

Agnelli, presidente: cenário é de recuperação lenta, mas pode haver surpresa

complexo de Tubarão, expectativa é que a reativação ocorra nos próximos meses, ainda neste ano. A mineradora tem sete complexos, uma em Itabirito (MG) e outra desativada em São Luís do Maranhão. A retomada deve ocorrer apenas no fim de 2010, disse Roger Agnelli, presidente da

difícil" para 2009, de ano que vem, a companhia deve ter porém ainda abaixo dos primeiros resultados, mas pode reduzir drasticamente a produção consolidada de milhões de toneladas, período do ano passado de toneladas.

A Vale estuda também retomar a atividade da mina de ferro Gongo Soco, em Minas, mas apenas para compensar os custos mais altos da mina de Itabira, cuja produção deve ser reduzida. A companhia, entretanto, vai manter desativadas a mina de Corumbá e outras três em Minas Gerais. Segundo Agnelli, as minas desativadas são as de maior custo operacional da Vale. A retomada da extração nessas minas somente se dará após ocupar toda a capacidade daquelas em atividade.

Na briga para reduzir custos, Agnelli tenta diminuir os da canadense Inco, adquirida pela Vale em 2006. A companhia enfrenta ameaça de greve dos funcionários da Inco devido à proposta de mudança no sistema de aposentadoria. "Sudbury (mina da Inco no Canadá) é o local com maior custo da Vale e não é sustentável. Tanto é que mudou de dono, nós compramos. Sobreviveram porque tem uma empresa do porte da Vale para segurar", afirmou.

O setor mineral tem sofrido com a crise. Mas, para o executivo, assim como houve surpresa negativa no último quadrimestre de 2008, pode haver "surpresa positiva"

entre o fim deste ano e início de 2010. "Estamos com cenário de recuperação lenta, mas existe a possibilidade de uma surpresa positiva."

No contexto da crise mundial, Agnelli vê o Brasil em situação melhor que a dos Estados Unidos e dos países da Europa. "Em comparação esses países, o Brasil não está em recessão", disse. As demissões em massa na companhia cessaram, afirmou. "O pior já passou". Em dezembro, a empresa anunciou o corte de 1.300 funcionários no mundo. A mineradora possui cerca de 42 mil empregados no Brasil e 20 mil no exterior.

Sobre as negociações de preços com as siderúrgicas chinesas para definir o preço do minério de ferro, o executivo fez mistério. Disse que está aguardando os chineses se pronunciarem, mas que o novo preço já foi fixado pelo mercado. A Vale já fechou preços com Europa e com Japão em patamar 28,2% inferior aos fixados para 2008 para o minério fino. "O preço está claro, já está estabelecido", afirmou.

Agnelli negou que a colocação de notas da Vale feita ontem para captar US\$ 1 bilhão teria o objetivo de fazer caixa para aumentar a participação na ThyssenKrupp CSA, siderúrgica de € 5 bilhões em fase final de construção no Rio. A captação, disse, servirá para realizar investimentos gerais, em especial em projetos novos de produção.

A Vale tem 10% da CSA em parceria com a alemã ThyssenKrupp (90%) e agora acerta aumento de capital para que a siderúrgica no Brasil seja finalizada. A ThyssenKrupp foi atingida em cheio pela crise global e também está investindo na construção de outra usina nos EUA. O aumento de participação da Vale não está definido e, segundo Agnelli, a ideia é permanecer minoritária no negócio. Ele lembrou que, ao fechar acordo com a ThyssenKrupp, a participação da mineradora poderia variar de zero a 30%. "Siderurgia não é nosso "core business", queremos viabilizar o projeto siderúrgico"

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Por Rafael Sigollo, de São Paulo

Data: 15/07/2009

Título: Vale lança instituto tecnológico para incentivar pesquisa

Uma espécie de MIT (Massachusetts Institute of Technology) brasileiro. É assim que o recém-criado Instituto Tecnológico Vale (ITV) quer ser conhecido daqui alguns anos. Com um objetivo tão ambicioso e um longo e complexo caminho pela frente, o departamento que coordena ações de ciência e tecnologia da empresa deu seu primeiro passo: distribuiu 84 bolsas de estudo de mestrado e doutorado, em um investimento total de R\$ 4 milhões.

Lançado no fim do ano passado após três anos de planejamento, o ITV tem como missão tratar de temas estratégicos ligados ao desenvolvimento e ao futuro da companhia, como mineração, energia e biodiversidade. "A intenção é estimular a produção científica de excelência, promover a pós-graduação e a qualificação das instituições de ensino e pesquisa no país. Para isso deve haver interação entre

empresa, universidades e agências do governo. É um projeto de longo prazo", diz Luiz Mello, diretor do ITV.

Todos os contemplados são estudantes da Universidade Federal do Pará, região onde a Vale atua mais intensamente. Eles tiveram suas teses selecionadas por meio de um comitê formado por diretores da empresa em parceria com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia (Sedetec) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (Fapespa).

De acordo com Mello, embora haja muito material nas áreas de engenharia e geologia, nem todos os projetos estão diretamente ligados com os negócios da Vale. "Escolhemos os que tinham excelência acadêmica e que se mostraram mais relevantes para o desenvolvimento econômico da região". Isso engloba trabalhos ligados a ciência da computação, ecologia aquática, genética, neurociência, biologia molecular, botânica, física entre outros.

O diretor explica que há várias maneiras de aproveitar o conteúdo e o conhecimento que forem produzidos nos estudos. "Os projetos serão transformados em artigos e relatórios científicos. Estaremos monitorando isso e, em caso de patente, poderemos contratar o bolsista ou ter prioridade para implementar a ideia", afirma.

O ITV pretende oferecer bolsas anualmente e já prepara um novo edital para este segundo semestre, que será aberto a projetos de pesquisadores de qualquer instituição brasileira. Outras iniciativas ainda para 2009 são apoiar a instalação de empresas de base tecnológica e fortalecer a troca de experiências entre todos os estados e países onde a empresa está presente.

O diretor afirma que a Vale possui diversos centros de inovação espalhados pelo Brasil e pelo mundo, mas que atuam de forma independente. "Nosso próximo passo será construir uma sede física para o ITV. Isso nos permitirá centralizar as ações de tecnologia e pesquisa do grupo, alavancar parcerias e integrar com mais eficiência a empresa com a comunidade."

O mais importante, na opinião de Mello, é que o projeto está sendo apoiado pela sociedade e pelo governo. "Claro que para chegar a ser um MIT são necessários anos de investimentos e dedicação. A primeira semente, no entanto, já foi lançada", diz.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Ivo Ribeiro, de São Paulo

Data: 17/07/2009

Título: Melhoria do mercado internacional eleva preços de exportação

Os sinais de melhoria econômica em vários países, principalmente na China e outros país da Ásia, e um movimento de recomposição de estoques, puxaram os preços do aço para cima. Benjamim Baptista, presidente da ArcelorMittal Tubarão, maior

siderúrgica do país, disse que placas (aço semi-acabado) já são vendidas por até US\$ 430 (valor FOB) a tonelada. Até quatro a cinco semanas atrás valiam US\$ 300.

A empresa também faz bobinas a quente, aço laminado para autopeças e diversas outras aplicações. Esse produto saltou no mesmo período da faixa de US\$ 400 para até US\$ 520 atualmente, nos pedidos que vêm principalmente da China e de países do Sudeste asiático, além do Oriente Médio. "Na Ásia, já se paga até US\$ 560 a tonelada, incluindo frete até os portos locais", afirmou Baptista.

O executivo aponta dois fatores: primeiro, os níveis de estoques bem baixos nos Estados Unidos e Europa, depois do longo tempo de desestocagem iniciado a partir da crise, em outubro; segundo, a reativação econômica de em vários países. "Há clientes colocando ordens de compra a mais do que necessita para recompor estoques, que já estão nos níveis normais de dois meses de consumo", informou.

Segundo ele, economias começam a se estabilizar por conta dos diversos programas de estímulos dos governos para sustentar a produção e empregos na China, Estados Unidos, Europa, Japão e América Latina. "Começamos a ver os resultados dessas iniciativas", observou, lembrando que, hoje, mais de 60 altos-fornos de usinas no mundo ainda encontram-se paralisados.

Desse número, o Brasil respondeu por 10%, com seis equipamentos paralisados no auge da crise, em março. Ainda permanecem cinco - três da Usiminas e um, menor, de Tubarão. Na próxima segunda-feira, a Gerdau Açominas paralisa o equipamento menor, com metade da capacidade do que foi reativado no início do mês. Mesmo assim, o total da produção de aço do país cresceu 2,5% em junho, para 1,9 milhão de toneladas, informou ontem o Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS). Em relação a ao mesmo mês de 2008, a queda foi de 34%, mostrando que o parque fabril brasileiro opera, na média, 66% da capacidade instalada. "O nível mínimo adequado é de 80%", observa Marco Pólo de Mello Lopes, vice-presidente do IBS. "No auge da demanda, chegamos a 93%".

Na comparação semestral deste ano com os mesmos seis meses de 2008, a produção de aço ainda apresenta queda de 39,5%. com volume de 10,6 milhões de toneladas. A fabricação de laminados planos e longos subiu 3,5% em junho sobre o mês anterior, para 1,7 milhão de toneladas, mas ainda com retração de 21,1% em relação a um ano atrás. No acumulado, o desempenho foi negativo em 37%, com 8,2 milhões de toneladas de produtos finais para venda.

As vendas das usinas no mercado doméstico tiveram leve alta de 0,8% em junho sobre maio e ainda amargaram retração de 34% comparado a junho do ano passado. Nos seis meses, o índice é negativo em 40%.

O alívio vem da melhoria das exportações, que atingiram 863 mil toneladas, com aumento de 45,5% sobre maio. Até aquele mês, os embarques vinham em queda livre, o que levou as usinas a fechar altos-fornos, pois 30% a 40% da produção era destinada ao mercado externo. O mais surpreendente é que os embarques foram 3,5%

superiores aos de junho de 2008, com receita de US\$ 425 milhões. De janeiro a junho, a redução ainda é 30% em volume, com 3,6 milhões de toneladas, e de 43,8% em valor, com divisas de US\$ 2,1 bilhões. Com a crise, os preços desabaram a níveis históricos e somente de dois meses para cá iniciaram um processo de recuperação mais consistente.

Outro alívio veio das importações: a entrada de produtos caiu quase 21% em junho sobre maio. "Eram mais especulativas, de distribuidores aproveitando o mercado internacional aviltado", comentou Lopes. "Com o câmbio (real mais valorizado), a volta da normalidade das alíquotas de importação, para 12% em oito produtos e os aumentos de preços no mercado mundial, houve um movimento desencorajoso".

A questão, afirma Lopes, é em que patamar vai se situar o consumo do país no futuro. A previsão para este ano é de 18,7 milhões de toneladas (queda de 23% sobre as 24 milhões do ano passado) e para o próximo ano a projeção preliminar é de 20,3 milhões, que representa alta de 8,5% sobre 2009. Ele lembrou que existe, hoje, no mundo um excedente de capacidade na casa de 400 milhões de toneladas. "Há estimativas de que a retomada de fato do setor só vai ocorrer em 2011", afirmou.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Ivo Ribeiro, de São Paulo****Data: 21/07/2009****Título: Usiminas vai reativar dois altos-fornos até fim de julho**

A Usiminas, maior fabricante de aços planos do país, anuncia esta semana que vai religar dois dos seus três altos-fornos parados: um em Ipatinga, no Vale do Aço mineiro, e outro em Cubatão, na Baixada Santista. A decisão da empresa, cujas produção e vendas foram fortemente afetadas pela crise internacional desde novembro, deve-se em essência à melhoria da demanda do mercado externo. No Brasil, a avaliação é de que a expansão do mercado ainda está mais lenta do que o esperado, principalmente no setor de bens de capital.

Desde junho, a demanda por aço no mercado internacional, puxada pela China e outros países da região, e pela queda dos estoques na Europa e EUA, reagiu. Aumentaram pedidos de semi-acabados (placas e tarugos) e material laminado a quente. Por conta disso, as exportações do Brasil cresceram 45,5% sobre maio e 3,5% comparado a junho de 2008. Os preços também subiram - mais de US\$ 100 a tonelada nas últimas cinco a seis semanas. Isso levou usinas a reativar fornos (casos de Gerdau Açominas e CSN) e outras a operar seus equipamentos no máximo da carga, como a ArcelorMittal Tubarão.

Com capacidade total para produzir 9,5 milhões de toneladas por ano de aço bruto (placas) nas duas usinas, a Usiminas paralisou seu primeiro alto-forno em novembro, em Ipatinga, e, logo em seguida, um segundo. A unidade de Cubatão, depois de operar

à baixa carga por um bom tempo, foi a última. Parou de vez em março. Assim, a empresa passou a operar com metade da capacidade instalada nos dois polos.

No primeiro trimestre, a empresa produziu apenas 1 milhão de toneladas de aço, abaixo de 50% do volume que está apta a fazer. Por conta da crise, vendeu apenas 1,05 milhão de toneladas no período e amargou prejuízo de R\$ 112 milhões. Amanhã, à noite, a Usiminas divulgará o resultado do segundo trimestre.

Segundo apurou o Valor, o alto-forno de Cubatão, de nº 2, será reativado até o fim de julho. O equipamento responde por cerca de metade da capacidade de produção da usina paulista, de 4,5 milhões de toneladas de aço ao ano. Na época de sua paralisação, o presidente da companhia, Marco Antônio Castello Branco, disse que "a retomada da demanda não havia ocorrido conforme se esperava".

Em Ipatinga, que está capacitada para fazer 5 milhões de toneladas ao ano, a empresa está retomando a operação do forno nº 2. Com isso, voltará a operar ao nível de 75% a 80% da capacidade total, com dois equipamentos. O alto-forno tinha parada para manutenção prevista para junho. A crise forçou sua antecipação a partir do início de dezembro. Tinha previsão de ser religado até abril, mas a demanda nos mercados doméstico e externo não reagiu.

O equipamento nº 1 de Ipatinga, com operação interrompida na mesma época, não tem data definida para voltar.

Reduzir ou parar de vez a produção de um alto-forno não é uma tarefa simples. As siderúrgicas desenvolveram vários métodos ao longo do tempo para fazer isso sem afetar a estrutura e o desempenho da instalação. Nessa crise, foram usados basicamente três formatos. O primeiro deles foi reduzir a capacidade de carga no alto-forno com uso de até 100% de coque (carvão) no processo, criando uma crosta mais grossa na sua parede interna. Nesse caso, para não correr risco, aconselha-se baixar a produção no máximo 20%.

O caso intermediário é o chamado "abafamento". Toda a carga interior é limpa e o equipamento permanece apenas aquecido com coque, sem produzir. Recomenda-se manter esse sistema no máximo de 30 a 60 dias. O caso mais extremo é o apagamento total do forno. Nessa situação, geralmente as empresas aproveitam para antecipar reformas dos equipamentos, enormes estruturas de até 100 metros de altura. A cada período de anos essa manutenção tem de ser feita. Trata-se de uma operação demorada (mais de 90 dias) e com elevado custo. Há exemplos em que se gastam mais de US\$ 100 milhões.

VEÍCULO: Valor

Seção: Empresas & Tecnologia

Autor: Reuters

Data: 21/07/2009

Título: Mundo fabrica 4% mais em junho e China bate recorde

A China não para de surpreender. Enquanto países como Estados Unidos e outros europeus ainda amargam quedas na faixa de 40% a 50% na produção mensal de aço, o país de 1,3 bilhão de habitantes e cuja economia cresceu 7,9% no último trimestre mantém sua siderurgia operando a todo o vapor durante a crise. Em junho, não fez por menos: alcançou recorde histórico de produção em um único mês: 49,4 milhões de toneladas. O número significou 6% de alta em relação a um ano atrás e 6,5% sobre o mês anterior.

De janeiro a junho, as usinas chinesas despejaram de seus fornos 266,6 milhões de toneladas, aumento de 1,2% sobre o mesmo período do ano passado, quando o país estava em ritmo acelerado por conta do aquecimento econômico local e da Olimpíada de Pequim.

Já a produção global de aço bruto em junho também mostrou melhoria, grande parte puxada pela China, mas com apresentação de leve recuperação em muitos países, segundo dados do World Steel Association divulgados ontem. Em relação a maio, o volume cresceu 4%, para 99,82 milhões de toneladas. Comparado a junho do ano passado, houve queda de 16%. No semestre, a produção apresentou queda de 21,3%, para 549 milhões de toneladas. **(IR, com Reuters)**

VEÍCULO: Valor

Seção: Empresas & Tecnologia

Autor: Jesse Riseborough, Bloomberg, de Melbourne

Data: 21/07/2009

Título: Minério de ferro supera os US\$ 90 no mercado chinês

Os preços à vista pelo minério de ferro entregue à China, a maior compradora mundial da commodity, ultrapassaram os US\$ 90 a tonelada pela primeira vez este ano, já que a retomada do crescimento econômico no país elevou as importações.

O preço do minério de ferro para entrega imediata subiu 4,6%, para US\$ 91 a tonelada, na semana passada, o patamar mais alto desde 10 de outubro, segundo a publicação Metal Bulletin para o chamado material de grau 63,5%.

A economia da China cresceu 7,9% no segundo trimestre, em relação ao mesmo período de 2008, alimentada pelo programa de gastos do governo de 4 trilhões de yuan (US\$ 586 bilhões). As importações do minério de ferro cresceram 29% no primeiro semestre, já que as siderúrgicas expandiram a produção. Os preços subiram, apesar de a China ter detido quatro executivos da Rio Tinto, o segundo maior exportador da commodity, em 5 de julho, acusados de roubo de segredos de estado.

"Temos observado muito minério de ferro ser levado por mar para a China", disse David Flanagan, diretor-executivo da exportadora australiana da commodity Atlas Iron, em uma entrevista. "Temos visto que os dados sobre crescimento (econômico) divulgados pela China parecem realmente muito bons; vimos a confiança crescendo em todo o mundo."

A China, que compra dois terços dos embarques marítimos de minério de ferro, importou 55,3 milhões de toneladas em junho, o segundo mais alto patamar, abaixo do recorde registrado em abril, de 57 milhões de toneladas. O país está aumentando as compras no mercado à vista por causa da "interrupção" das negociações sobre um preço referencial entre as siderúrgicas do país e os produtores estrangeiros, disse o Citigroup em 17 de julho.

"Acreditamos que a ruptura no sistema de contrato referencial está sendo acelerada pelos desdobramentos recentes", disseram os analistas Alan Heap e Alex Tonks, do Citigroup, em seu relatório, em uma referência à prisão de Stern Hu, diretor da divisão de minério de ferro do Rio Tinto na China, e mais três executivos. "O mercado chinês de minério de ferro provavelmente vai operar com aumento nos volumes comercializados à vista e contratos de curto prazo."

Na semana passada, a Rio Tinto disse que continua vendendo minério de ferro para os clientes chineses no mercado à vista, desmentindo notícia publicada no jornal "Financial Times", de que havia parado de oferecer a commodity para entrega imediata.

"Depois dos rumores de que (a Rio Tinto) havia parado de enviar navios (para a China), a situação é de negócios como de praxe", disse Alex Passmore, diretor de pesquisa de metais e mineração da Patersons Securities. "Simplesmente há uma recuperação da demanda. Há muito mais sendo vendido para a China e entregue por terra."

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Ivo Ribeiro e Vera Saavedra Durão, de São Paulo****Data: 23/07/2009****Título: Vale terá 27% de usina da ThyssenKrupp no Rio**

A Vale vai se tornar uma acionista de peso na siderúrgica de aços planos que o grupo alemão ThyssenKrupp está construindo no Rio e que já tinha a mineradora como sócia com 10% desde a sua criação alguns anos atrás. A companhia informou ontem no início da noite que firmou memorando de intenção para aportar € 965 milhões (mais de R\$ 2,5 bilhões) no capital da ThyssenKrupp CSA Companhia Siderúrgica do Atlântico. Esse valor dará à Vale fatia de 26,87% da CSA.

A entrada da Vale na siderúrgica, na verdade, trata-se de uma operação de socorro para garantir a conclusão do projeto - cujo investimento é de € 4,5 bilhões. O empreendimento deveria ter entrado em operação no fim do ano passado, mas a obra sofreu vários atrasos por questões que vão desde licença ambiental até correções de implantação de algumas instalações, como altos-fornos (coração da usina) e a coqueria.

Os primeiros contatos para a Vale ampliar sua participação na CSA ocorreram no primeiro trimestre. A mineradora, na ocasião, pediu um tempo para levantar a situação financeira e operacional da obra do projeto e para avaliar como poderia fazer para que a usina de aço não sofresse mais atrasos.

Aliás, quanto mais cedo a siderúrgica entrar em operação, melhor é para a Vale: a mineradora vai fornecer todo o minério de ferro - cerca de 8 milhões de toneladas por ano - que a usina vai necessitar quando estiver em plena operação. A CSA foi desenhada para produzir 5 milhões de toneladas de placas de aço ao ano. Esse material semi-acabado irá abastecer laminações do grupo alemão nos EUA e na Alemanha..

Com a crise econômica mundial, que derrubou em mais de 50% a demanda de aço na Europa e EUA, a ThyssenKrupp passou a enfrentar dificuldades financeiras para concluir o projeto da CSA. Com o aporte adicional de recursos, diz a Vale em seu comunicado que "reafirma seu compromisso no maior investimento industrial em construção no Brasil nos últimos dez anos". E que com essa decisão está "proporcionando forte apoio à conclusão do projeto".

Segundo a Vale, a decisão do investimento na CSA ainda está sujeita, entre outras condições, à aprovação dos conselho de administração de Vale e ThyssenKrupp

Aristides Corbellini, diretor de siderurgia da Vale, foi quem tocou o projeto desde o início. Foi substituído em setembro de 2008 pelo sul-africano Erich W. Heine, falecido em acidente do voo 447 da Air France. Seu substituto interino é Niclas Müller, membro do conselho da ThyssenKrupp Services. Corbellini é quem foi à Alemanha assinar acordo de aporte de dinheiro.

Segundo apurou o Valor, a Vale deverá pleitear um representante na diretoria executiva da CSA.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Javier Blas, Financial Times, de Londres

Data: 23/07/2009

Título: Preço do minério já sobe por consumo fora da China

Os preços do minério de ferro no mercado à vista aproximam-se dos US\$ 100 a tonelada, bem acima dos níveis em que mineradoras e siderúrgicas do Japão, Coreia do Sul e Europa firmaram acordos de fornecimento. A alta está ocorrendo por causa da recuperação da demanda fora da China.

O aumento dos preços no mercado à vista está levando vários bancos a preverem que os preços referenciais - negociados anualmente - vão subir no ano que vem, revertendo as expectativas anteriores de queda.

Os preços do minério de ferro no mercado à vista subiram para US\$ 93 tonelada na China nesta semana - incluindo o frete - e observadores do setor disseram que o mercado pode superar os US\$ 100 (o nível mais alto em um ano) no curto prazo. A alta é uma recuperação extraordinária em relação ao ponto mais baixo de US\$ 58 a tonelada, registrado em abril.

Christopher LaFemina, analista do Barclays Capital, prevê um aumento de 5% em 2010-11, a ser seguido por outra alta de 10% em 2012. David Butler, do Cazenove de Londres, diz que um aumento de 20% no próximo ano é "um resultado cada vez mais realista".

A recuperação da demanda fora da China está permitindo às mineradoras Vale, Rio Tinto e BHP Billiton embarcarem mais minério de ferro para outros países, reduzindo o fornecimento para o mercado à vista chinês.

Como resultado, os preços do minério de ferro no mercado à vista na China estão subindo. A demanda por minério de ferro no país continua vigorosa, com suas siderúrgicas tendo produzido em junho 49,42 milhões de toneladas de aço - recorde mensal histórico.

A BHP disse ontem que, embora a China tenha quase concluída a formação de estoques de metais e minérios, a "reestocagem" é evidente nos Estados Unidos, Europa e Japão. A mineradora disse que sua produção de minério de ferro caiu 10% no segundo trimestre.

O preço no mercado à vista está quase 15% acima do nível de fechamento dos preços anuais firmado entre as grandes mineradoras e siderúrgicas de outros países que não a China. Esses acordos reduziram o preço referencial para 2009-10 em cerca de 33% em relação ao nível de 2008-09. As siderúrgicas chinesas não fecharam um acordo para 2009-10.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Murillo Camarotto, Valor Online, de São Paulo

Data: 24/07/2009

Título: Usiminas reduz plano de US\$ 14 bi e foca em ganhos de competitividade

Pouco mais de um ano após apresentar um ousado plano de investimentos, que previa o desembolso de US\$ 14,1 bilhões até 2012, a Usiminas decidiu tirar o pé do acelerador. Diante de uma expectativa mais modesta para o consumo de aço no Brasil nos próximos anos, reflexo da crise financeira, a companhia só garante hoje um aporte próximo a US\$ 4,5 bilhões no mesmo período, segundo revelou ontem seu diretor-presidente, Marco Antônio Castello Branco, durante apresentação do balanço financeiro do segundo trimestre.

A principal baixa no plano de investimentos foi a usina de Santana do Paraíso (MG), onde seriam produzidas 5 milhões de toneladas anuais de placas. O projeto, que também contempla a construção de uma central termelétrica, teria um custo total de US\$ 6,1 bilhões, mas acabou engavetado por tempo indeterminado. O foco desse investimento era fabricação de material semi-acabado (placas), sendo 60% para exportação e 40% para acabamento e venda no mercado local.

A Usiminas também tirou da conta dos investimentos US\$ 3,5 bilhões referentes a projetos de mineração de ferro, que serão revisados. Garantido, por enquanto, está apenas o desembolso de US\$ 100 milhões em 2010, que levará a 12 milhões de toneladas anuais a produção de minério nas áreas adquiridas da J. Mendes em 2008. Essa produção é voltada basicamente para suprimento das usinas de Ipatinga (MG) e Cubatão (SP) e parte para venda.

Anunciada em julho de 2008, quando o consumo aparente de aços planos no Brasil estava em 12 milhões de toneladas anuais, a construção da usina de Paraíso vislumbrava um consumo aparente de 15 milhões de toneladas desse tipo de aço no Brasil em 2012. No entanto, a crise chegou e o consumo nacional caiu para as atuais 9 milhões de toneladas por ano, o que acabou inviabilizando o projeto e levando à sua suspensão por tempo indeterminado.

"Estávamos imaginando um mercado consumidor no país de 15 milhões de toneladas para colocar a nova usina em operação e não ficar dependendo de exportações. Agora, quando vamos chegar em 15 milhões? Não vai ser antes de 2014, 2015, daí a decisão de suspender", disse Castello Branco. Ele ponderou, no entanto, que um eventual reaquecimento da economia e do consumo de aço pode significar a retomada do projeto.

No caso da mineração, o executivo esclareceu que as sondagens nas áreas minerais da J. Mendes devem ser concluídas até o final deste ano. Com o resultado em mãos, a Usiminas irá definir novos valores para o investimento no setor e anunciá-los somente em março de 2010. Pelo projeto original, a companhia pretendia elevar para 29 milhões de toneladas anuais a produção de minério de ferro e construir uma unidade de pelletização. Apenas nesses dois projetos estavam previstos quase US\$ 1,5 bilhão. Na aquisição da J. Mendes, em fevereiro do ano passado, a empresa pagou US\$ 1,9 bilhão.

Com as revisões anunciadas, a companhia deixou clara a estratégia de trabalhar nos próximos anos com foco no melhor aproveitamento de sua capacidade atual, por meio de aumento de produtividade e eficiência das plantas existentes. Com isso, já está aportando recursos na ampliação da oferta de chapas grossas e de aços galvanizados para o setor automotivo. Há um investimento grande, de R\$ 2,5 bilhões, na nova laminação de aço de Cubatão, em aumento da geração interna de energia nas duas usinas e em uma nova coqueria em Ipatinga.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio****Data: 24/07/2009****Título: Vale volta a crescer no Japão e Europa**

As vendas de minério de ferro da Vale para outros países além da China praticamente dobraram em relação ao que eram no segundo trimestre, informou o diretor executivo de ferrosos da Vale, José Carlos Martins. Segundo o executivo, a demanda de minério do Japão, Coreia e Europa, apesar de se manter ainda em níveis baixos, "dobrou" depois de cair 70%. "Só as vendas no Brasil chegaram a cair 65% nos últimos meses", disse Martins, comemorando a retomada.

Em relação a China, que continua comprando entre 50 milhões a 55 milhões de toneladas de minério de ferro ao mês no mercado transoceânico, o diretor executivo da mineradora afirmou que as usinas chinesas ainda não aceitaram oficialmente os desconto de 28,2% para o minério fino da Vale e de 33% para o dos australianos.

Martins relatou, porém, que algumas usinas de aço chinesas estão aceitando, provisoriamente, operar com esses preços de referência de 2009, já consagrados em negociações com siderúrgicas da Europa e da Ásia. "Existem usinas operando no "benchmark" (preço fixo com desconto) brasileiro e australiano." Enquanto outras, destacou, preferem comercializar no mercado livre, onde o preço vem subindo e já está acima de US\$ 90 a tonelada no mercado chinês. "O que vigora hoje na China é um mix de sistemas de preço, benchmark e mercado livre". Para ele, "a China é uma realidade a ser construída".

Notícias vinculadas por agências internacionais dão conta de que a Vale vem resistindo às exigências chinesas de um corte recorde dos preços, num momento em que o setor siderúrgico se recupera de seu maior colapso desde a Segunda Guerra Mundial. O CISA (a Associação Chinesa de Ferro e Aço) pressiona por um corte de 42% no preço do minério este ano. Recentemente, o presidente da Vale, Roger Agnelli, afirmou que não concederá descontos maiores aos clientes chinesas.

Martins confirma o quadro de forte recuperação de preço, não só das commodities de maneira geral, mas também do aço. "Enfrentamos uma crise a partir de setembro (de 2008) sem precedentes. Houve um ajuste muito forte para baixo. A recuperação atual está se dando em níveis razoáveis em termos de produção e de preços. Houve muita desestocagem no período. Temos agora um quadro menos tenebroso", afirmou o diretor da Vale.

Com base nesse cenário, a Vale conduz sua política na área de siderurgia. Martins admite que não há nenhuma grande mudança estratégica em relação a construção de novas usinas por parte da Vale. Mas, o processo de verticalização das siderúrgicas exigiu que a Vale "forçasse um pouco mais o passo e assumisse mais iniciativa nessa

área estratégica". Ele admite que a mineradora brasileira está criando mercado futuro para o consumo de minério dentro do país.

O executivo confirmou que a companhia tem hoje, além da CSA, mais três projetos de novas usinas em andamento - siderúrgica de Pecém, no Ceará; a de Marabá, no Pará; e mais uma no Espírito Santo. A política atual da Vale, para evitar problemas com seus futuros sócios, é de desenvolver o projeto, incluindo aí escolha do terreno e licenças ambientais, e depois buscar parcerias.

Martins, ao comentar as críticas de analistas de que pagou preço "salgado" para aumentar sua participação na siderúrgica CSA, da ThyssenKrupp, em construção no Rio, garante que "a Vale sabe fazer contas e que toma todos os cuidados para que este tipo de operação seja positiva para seus acionistas".

O diretor da área siderúrgica da Vale, Aristides Corbellini, chamado para dirigir essa área de negócio na companhia quando deixou o projeto da CSA, disse que dispõe de uma equipe de 25 especialistas saídos de grandes siderúrgicas para tocar os empreendimentos de novas usinas da mineradora. "Estamos trabalhando com a "inteligência" da siderurgia brasileira".

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Por Vera Saavedra Durão, do Rio****Data: 30/07/2009****Título: Vale anuncia pior resultado trimestral desde 2004**

A mineradora Vale fechou o segundo trimestre de 2009 com lucro líquido de R\$ 1,5 bilhão, 81% abaixo dos R\$ 3,1 bilhões obtidos em igual período de 2008. Foi o pior resultado trimestral da companhia desde o primeiro trimestre de 2004, quando o lucro líquido obtido foi de R\$ 953,7 milhões, sem ajuste da inflação.

O resultado ficou ainda muito abaixo das estimativas de analistas ouvidos pelo Valor, que projetavam um ganho líquido para a mineradora no período entre R\$ 3,8 bilhões e R\$ 4,1 bilhões.

A receita líquida da companhia somou R\$ 10,7 bilhões, ante R\$ 18,3 bilhões no segundo trimestre do ano passado, uma queda de 42% nessa base de comparação. O custo dos produtos vendidos saiu de R\$ 7,9 bilhões no segundo trimestre de 2008 para R\$ 6,7 bilhões no mesmo período deste ano, caindo 15%, bem menos que o recuo da receita líquida. Assim, o trimestre foi de receita de vendas menor e custo ainda alto, o que resultou numa queda forte da margem bruta (receitas menos custos de produção e vendas), que ficou em 37%, comparado a 57% no mesmo período de 2008.

As vendas líquidas da Vale apuradas neste segundo trimestre apresentaram o mais fraco desempenho desde o primeiro trimestre de 2006. Os valores faturados ficaram

bem aquém da receita prevista pelos especialistas de bancos e corretoras, entre R\$ 11,9 bilhões e R\$ 12,5 bilhões.

O que contribuiu para essa queda do faturamento líquido da companhia foi o câmbio apreciado do período, já que cerca de 93% da receita de vendas consolidadas da Vale e 40% dos custos dos produtos vendidos consolidados estão vinculados a outras moedas, como explica relatório da companhia enviado à CVM.

Outro número que surpreendeu o mercado foi o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (lajida) - um indicador de desempenho operacional que não é parte das demonstrações financeiras -, que somou R\$ 3,5 bilhões entre abril e junho, declinando 67% ante os R\$ 10,5 bilhões do segundo trimestre de 2008. A margem lajida encolheu para 31%, de 55% do mesmo período de 2008.

Ao fraco resultado operacional se aliou também a um resultado financeiro líquido negativo de R\$ 2,6 bilhões no segundo trimestre de 2009, ante R\$ 1,8 bilhão também negativos no segundo trimestre de 2008. A companhia ganhou muito dinheiro entre abril e junho deste ano, tendo registrado uma receita financeira positiva melhor que a de 2008. Mas, as despesas financeiras mais do que dobraram entre abril e junho e a receita não compensou as perdas, agravadas pelo câmbio desfavorável.

Apesar da recuperação do volume de vendas de minério e não ferrosos como níquel e cobre, no período, o resultado financeiro tenha sido talvez a maior contribuição ao pior lucro dos últimos seis anos da Vale.

No primeiro semestre o lucro líquido da Vale foi de R\$ 4,6 bilhões ou 58% abaixo do ganho de R\$ 11,1 bilhões observado nos seis primeiros meses de 2008. No período, o lajida caiu 4% em igual comparação, passando de R\$ 17,1 bilhões entre janeiro e junho do ano passado para R\$ 8,9 bilhões no primeiro semestre de 2009. A receita operacional líquida atingiu R\$ 23,6 bilhões no primeiro semestre de 2009, 27% abaixo dos R\$ 33,5 bilhões do mesmo período de 2008.

A ação PNA foi cotada ontem a R\$ 31,85, queda de 1,70% em relação a terça-feira.
(Colaborou Rafael Rosas, do Valor Online)

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio

Data: 31/07/2009

Título: Vale investe em frota de navios para atuar no mercado à vista

A Vale está investindo em uma plataforma logística para poder vender seu produto dentro do novo cenário do minério de ferro, agora muito concentrado no mercado à vista na China. A nova estratégia comercial da Vale é de venda direta do produto a preço CIF (custo, seguro e frete) informou o diretor executivo de ferrosos da mineradora, José Carlos Martins. O novo modelo visa capacitar a Vale com uma frota

de navios próprios ou contratados que diminuam o custo do transporte até a Ásia e aumente a competitividade da companhia naquele mercado, onde concorre com as mineradoras australianas BHPBilliton e Rio Tinto.

O novo modelo de venda CIF já vigorou no segundo trimestre. No período, das 35,6 milhões de toneladas de minério de ferro exportadas para o mercado chinês, 70% foram embarcadas pela Vale em navios próprios ou via contratos para atracar nos portos chineses.

"Temos que ter uma estrutura logística de navios próprios, não podemos mandar minério para a Ásia comprando frete no mercado spot. Assim garantimos que o produto chegue lá há um preço competitivo", disse Martins, durante entrevista para divulgar o balanço da empresa no segundo trimestre.

O executivo informou que a Vale já comprou 15 navios usados e encomendou mais 20 para levar o minério aos portos mais distantes para atender sua clientela, mas no momento, o grosso do transporte ainda é feito através de contratos de longo prazo celebrados com armadores variando entre 3 e 25 anos e nesses contratos os navios ficam alocados para a Vale a um preço fixo determinado e a companhia só paga o frete à medida em que vai usando os navios. No momento, parte destas embarcações estão em operação e parte (oito) estão sendo construídos. Nessa modalidade, segundo o Valor apurou, não há investimento pois o investimento é do armador que recebe o frete negociado pelo uso do navio.

Até agora, a Vale comprou 14 navios usados. Já tinha três navios da frota da Docenave. A maioria deles já está operando e alguns sendo convertidos de petroleiros para minério. Na sua meta de comprar 20 navios novos, a Vale já encomendou 12, que estão em construção. . Por enquanto a companhia investiu apenas na forma "down payment". O restante será pago (financiado) por ocasião da entrega da embarcação. Pelos navios usados e no pagamento voa down payment, a Vale gastou US\$ 600 milhões.

Segundo Martins, os contratos de longo prazo e a frota própria dão à Vale um razoável conforto quanto as necessidades de transporte daqui para frente. Mas, ele explica que o fato da companhia assumir a responsabilidade pela contratação do frete e a utilização da sua frota própria não significa que a Vale esteja bancando o frete para o cliente. Apenas significa que a Vale passou a incorporar o valor do frete no preço do minério e o risco da contratação. O preço do minério CIF é maior do que o preço FOB, pois incorpora o valor do frete.

Antes da crise econômica, 100% das vendas eram FOB (posto no porto) e 30% delas eram para a China. Agora, com a nova estratégia, a Vale mudou sua forma de operar. "Agora, com frota própria, podemos entregar o minério que for necessário no mercado. Fizemos uma transição bem sucedida", disse o executivo, sem contudo revelar o desconto no valor do frete que a nova estratégia proporciona à mineradora brasileira, mas admitiu que é confortável para a Vale.

As negociações de preço do minério de 2009 com os chineses bateu o recorde da mais demorada da história do benchmark. As mineradoras Australianas - BHP e Rio Tinto ainda não fecharam um acordo com eles. Os entendimentos já vão entrar no oitavo mês. Indagado se a Vale aceitaria o desconto de 42% pedido pela Cisa - Associação de Ferro e Aço da China -, Martins se limitou a dizer que "este ano somos seguidores, vamos esperar os Australianos fecharem o preço com eles".

Entretanto, com a alta do preço no spot, que já atingiu US\$ 95 a tonelada para o minério com teor de 63%, "as usinas siderúrgicas estão voando de volta para o contrato (benchmark)", afirmou Fábio Barbosa, diretor financeiro da Vale, durante conferência com analistas de bancos.

O minério da Vale tem um teor de 66% a 67%. Segundo fontes do setor, a Vale está conseguindo colocar seu produto no mercado livre na China com um prêmio pela qualidade equivalente de 10% a 12% do valor da tonelada.

A expectativa de Martins e Barbosa é de uma melhora do mercado de minério e metais para os próximos trimestres. A prova disto é a recuperação que vem ocorrendo no mercado de pelotas. Segundo Barbosa, até agora a Vale estava operando com uma única pelletizadora em Tubarão, agora serão cinco em operação. O que, no seu entender e de Martins, sinaliza que a Vale está indo no caminho certo desta transição de mercado.

Barbosa comentou também que a Vale está reestruturando suas operações de níquel. O metal está em alta no mercado e no segundo trimestre ampliou sua participação na receita da Vale de 12% no primeiro trimestre, para 18% no segundo. Neste cenário, a Vale planeja entrar em operação com o projeto de Onça Puma, no Pará, no início de 2009, com foco no ferro-níquel, muito usado na fabricação de aço inox, cuja demanda está voltando a crescer.

Ele informou que a companhia busca um modelo mais eficiente de administração dos ativos de níquel concentrados na Vale Inco. "Agora vivemos outra realidade e o modelo anterior (da Vale Inco) era de excessiva descentralização e não permitia uma administração mais centralizada". Com isso, disse, a Vale Inco já reduziu em 20% os cargos de gerência.

Sobre a greve enfrentada pela Vale na mina de níquel de Sudbury, no Canadá, informou que a empresa continua negociando para chegar a "bom entendimento". Indagado sobre a possibilidade de a Vale decretar "estado de força maior", Barbosa não comentou.